REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 260

11 DE MARÇO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabou-se o carnaval de 1886.

Não foi nem mais nem menos divertido do que todos os carnavaes. Foi molhado: será este o seu unico distinctivo na historia.

No domingo e na terça feira gorda choveu a potes; na segunda feira o dia portou-se mais enxutamente, mas sempre com cara de poucos amigos, sorumbatico, conservando sempre suspensas no horizonte umas nuvens negras ameaçadoras.

E logo que o entrudo acabou, logo que a quarta feira de cinza veio abrir a porta á quaresma, o ceo azul despiu o dominó cinzento com que nos intrigára nos tres dias de festa, o sol tirou a sua mascara negra, e a primavera começou a passear pela cidade com o seu cortejo de brisas tepidas impregnadas dos aromas das flores que principiam a desabrochar.

Tudo isto quer dizer apenas que o tempo é tão adverso ao carnaval como a policia de Lisboa, que n'estes dias mostrou uma ferocidade que, graças a Deus, não está muito nos seus habitos.

Todos os annos, por estes tempos de folia, todos os governadores civis dão á luz e ás esquinas um edital terrivel, intransigente, cheio de ameaças medonhas, prohibindo um certo numero de brinquedos carnavalescos, que incommodem ou prejudiquem o publico.

Ora este edital é muito bem entendido desde o momento que seja mal entendido, isto é, é excellente para se ameaçar, é deploravel para se cumprir á risca.

Francamente, agarrar n'uma pessoa e mettel-a tres dias n'um calaboiço, depois mandal-a para a Boa Hora como um facinora, obrigal-a a dar alli um par de vintens, e a voltar lá a sentar-se no banco dos reos por ter esguichado uma bisnaga ou atirar um cartucho de pós, é tão iniquo, que chega a ser estupido, é tão cruel, que chega a ser idiota.

Que o edital se faça assim, perfeitamente de accordo: é um papão necessario. A policia prohibe muito para deixar fazer poucochinho, porque, se prohibisse pouco, toda a gente faria muito.

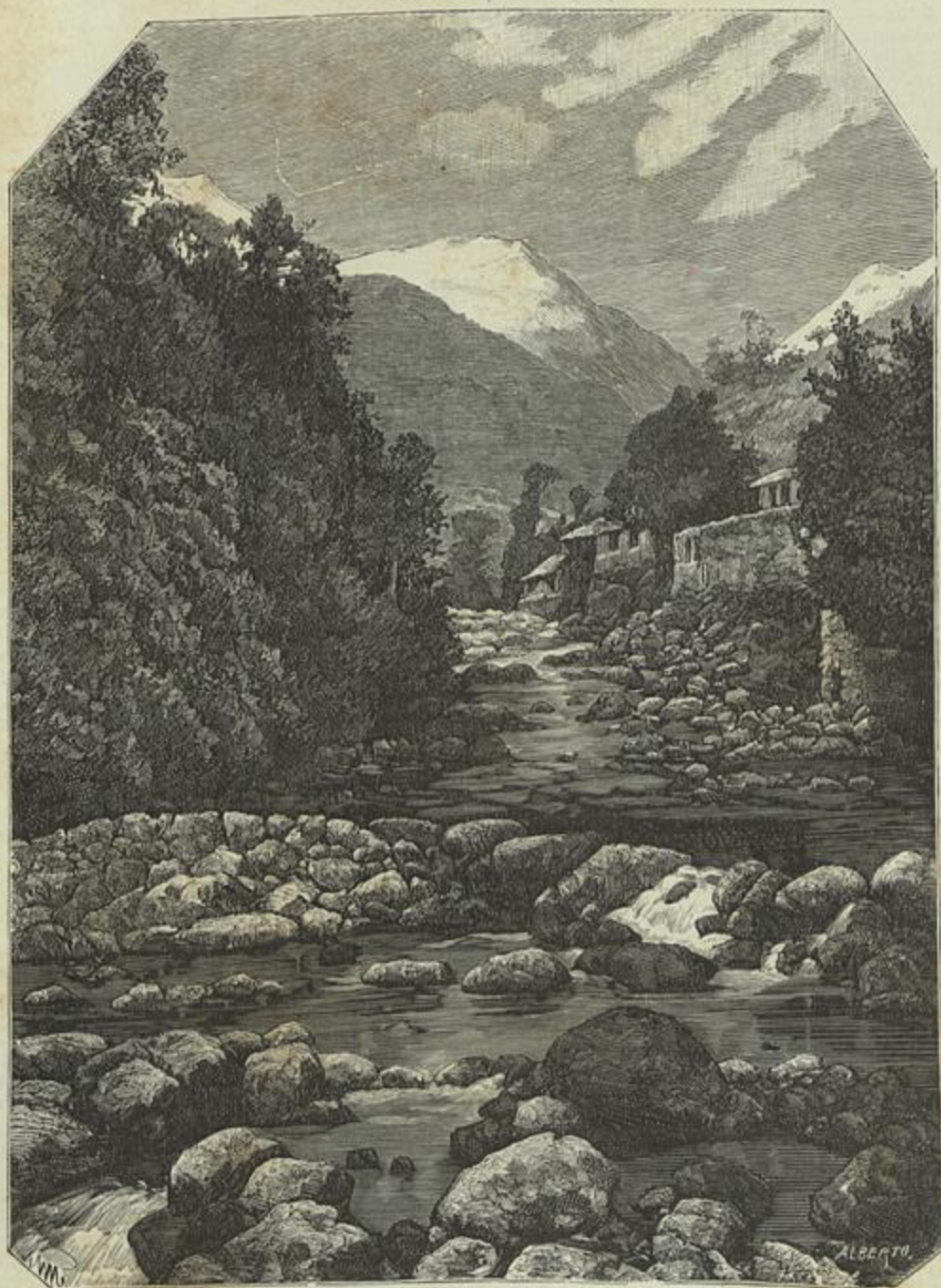
Mas do escripto ao executado deve ir uma differença enorme.

Que uma pessoa que incommoda os transeuntes, que se mette com quem com ella se não mette, que causa prejuizos, damnos, ou apenas incommodo a quem quer que seja, receba uma admoestação da policia, nada mais justo; que, rescindindo, seja autoada, perfeitamente de accordo; que, desde o momento em que haja reclamação, que appareça um queixoso, essa pessoa seja castigada segundo o que tiver feito, devendo ser o primeiro castigo uma indemnisação á pessoa prejudicada, excellente; agora, que sem reclamações, sem queixas, uma pessoa que deite um esguicho de agua de colonia a outra pessoa que vae passando e que não se importa com isso ou lhe paga na mesma moeda, vá presa para o governo civil, é que é supinamente imbecil, é que brada aos ceos, n'esta terra onde floresce o gatuno e onde o fadista campeia.

Nós sabemos perfeitamente que, se se fazem prisões assim, a culpa é unica e exclusivamente da falta de bom senso, de criterio, de intelligencia e de educação dos guardas de policia, que não sabem cumprir as ordens que lhes dão: sabemos perfeitamente que os srs. commissarios de policia não lhes ordenam essa severidade cretina, mas o que é realmente triste é que, por um policia não comprehender uma ordem, a victima seja o publico, que exactamente quem pague as favas sejam aquelles que pagam a dita policia.

E n'isto falamos completamente desapaixonados, não defendemos interesses proprios, não esguichámos bisnagas, não enriquecemos os vendedores de pós, não gastámos um só real do nosso dinheiro em tremoços, nem um minuto do nosso tempo no Chiado; mas soubemos pelos jornaes que alguns policias fizeram das suas, exorbitaram das ordens recebidas, tomaram estultamente ao pé da lettra o edital, e prenderam com uma sanha feroz alguns d'esses grandes criminosos de bisnaga e de estalo da India.

No Chiado, contaram os noticiarios que foi presa sem fiança uma senhora franceza por ter despejado um cartucho de pós sobre uma pessoa conhecida que passava; em S. Paulo foram presos uns rapazitos de dezeseis annos por estarem a atirar estalos da India!

Ora isto é assombroso, e não pode continuar assim. É in-

SERRA DO GEREZ — RIO CALDO, JUNTO DAS CALDAS (Segundo uma photographia do sr. Julio A. Henriques)

dispensavel que o policia que fizer uma prisão tola seja responsavel pela sua tolice: e desde o momento em que um guarda seja castigado seriamente por ter exorbitado das ordens recebidas, terá para a outra vez muito mais cuidado n'aquillo que fizer.

Nós comprehendemos muito bem o fim do edital do entrudo, e até mesmo a excepção severa de n'esses dias se não admittirem fianças; tudo isso é bem pensado para evitar assim — pelo medo — abusos que mais de uma vez se teem dado com prejuizo de muita gente; mas o que se não pode admittir é que na pratica os agentes de policia transformem, pela sua inhabilidade e pela sua impericia, um edital justo e sensato n'uma coisa idiota e injustissima.

E já que estamos falando de policia, referir-noshemos tambem a outro facto que não deve passar desapercebido e para que chamamos a attenção dos legisladores: o abuso que se faz entre nós d'essa coisa odiosa que se chama policia preventiva, e que é apenas policia indolente.

Um facto recente, um facto da semana, veio pôr mais uma vez em relevo o que ha de defeituoso n'essas taes prisões.

Na noite de domingo para segunda feira, uma senhora que mora n'um primeiro andar da rua dos Anjos, por cima de uma carvoaria, sentiu, altas horas, gemidos e uma voz afflicta barbuciar palavras angustiadas.

Assustada, essa senhora chegou á janella, chamou o guarda nocturno, que procurou, auxiliado por alguns policias, d'onde vinham esses gritos. Nada encontrou; os gritos não se ouviram mais, e ficou-se sem saber o que aquillo tinha sido.

Na manhã seguinte, segunda feira, o carvoeiro que mora na loja d'esse predio foi participar á esquadra de policia da rua da Inveja que desapparecera o seu companheiro de casa chamado Muñoz, e que receiava que elle se tivesse deitado a um poço, com que a carvoaria communicava por um grande buraco aberto na parede do fundo.

E contou porque suspeitára isso. Tinham estado na vespera, domingo gordo, no Colyseu; recolheram, com mais dois companheiros de casa e moços de carvoaria, ás duas horas, e deitaram-se todos nos seus respectivos quartos. O Muñoz dormia só n'um quarto, e viera um pouco embriagado, elle e naturalmente todos os quatro. Pela manhã não encontraram o Muñoz na cama, nem em casa: o fato todo d'elle, desde a roupa branca, estava no quarto, o que provava que elle não sahira, e fizera lembrar-lhe que o desgraçado se tivesse deitado ou tivesse cahido casualmente ao poço.

A policia foi immediatamente á carvoaria, fez sondar o poço, e d'essa sondagem ficou quasi demonstrada a existencia de um cadaver lá no fundo.

Pensou-se em se fazer despejar a agua que havia no poço, mas não se encontrou bomba propria para isso, e teve que se esperar pelas vinte e quatro horas para que o cadaver viesse ao lume de agua.

O que era, porem, certo, é que o Muñoz desapparecera.

Seria realmente um suicidio ou um desastre, ou esse desapparecimento envolveria um crime?

Não se podia saber definitivamente.

A hypothese da queda era perfeitamente admissivel. O homem deitára-se embriagado. De madrugada acordára com sede, subira ao tal buraco a tirar agua pelo balde, perdera o equilibrio e cahira dentro do poço.

Entretanto, podia não ter sido nada d'isto, ter havido um crime, o dono da carvoaria e os seus companheiros terem assassinado o homem, lançando-o ao poço, e depois fazerem a participação á policia para affastarem todas as suspeitas de homicidio.

Podia ser isso, effectivamente, como tudo é possivel n'este mundo; mas n'este caminho havia só a guiar as suspeitas uma indicação. O Muñoz contratára com o dono da carvoaria tomal-a de trespasse por dois annos, a contar de junho ou julho, e dera-lhe já o dinheiro. A primeira vista este indicio tem alguma importancia, mas, pensando bem, torna-se em prova contraria desde o momento em que, confessando o contracto feito e ter recebido o dinheiro, o carvoeiro tomara a obrigação de o restituir aos herdeiros de Muñoz, tornando assim em seu desproveito o desapparecimento do comprador da loja, e eliminando o que se podia ter como movel do crime — o ficar com a loja e com o dinheiro, trezentos mil réis, segundo relatam os jornaes.

Estava-se, portanto, em frente de um desapparecimento mysterioso, mas do qual não havia nenhum d'esses fortes indicios de criminalidade que podem quasi passar por prova.

Entretanto, a policia tratou logo de prender os tres homens que n'essa noite tinham dormido na casa com o Muñoz, como se houvesse indicação clara e visivel da perpetração de um crime.

Isto é justo? Isto pode ser? perguntamos nós.

De accordo que vale mais prevenir que remediar, e que é muito melhor para a policia ter ámanhã que soltar tres innocentes do que andar á procura de um criminoso, mas havia mil maneiras de conseguir o mesmo fim por meios menos arbitrarios e offensivos da liberdade a que todos teem direito.

A policia podia e devia conservar esses tres homens sob a sua vigilancia, desde o momento em que se podia suspeitar com qualquer fundamento que elles fossem auctores de um crime: podia e devia vigial-os, não os perder de vista, seguir todos os seus passos, e, se algum d'elles tentasse sahir de Lisboa, deitar-lhe a mão; assim, não attentaria contra a liberdade de ninguem, não iria prejudicar nos seus creditos e na sua vida tres homens que podem muito bem ser innocentes, e, dado o caso d'elles serem criminosos, poderia, pela sua vigilancia continua, deixando-os em liberdade e seguindo-lhes os passos, colher alguns indicios valiosos da sua criminalidade.

E assim, se elles fossem criminosos, deitar-lhes-hia a mão quando fosse preciso; se fossem innocentes, não os teriam vexado, incommodado, e prejudicado com uma prisão que, quando não é judiciosa, é odiosissima.

O systema seguido actualmente pela policia é tudo o que ha de mais commodo para policia, isso sabemos nós; mas é tudo o que ha de mais attentorio da liberdade e da justiça, não querendo já falar do sem numero de abusos e de vinganças a que esse systema pode dar logar.

E é por tudo isso que julgamos de grande necessidade que se olhe seriamente para estas coisas, e que se lhes dê um feitio mais moderno, mais digno e mais proprio da epocha de liberdade em que vivemos.

Gervasio Lobato.

AS LOUÇAS DE BORDALLO PINHEIRO

Impressões destacadas de um estudo para a «Gazeta de Noticias» ácerca da ceramica nas Caldas da Rainha

O ARTISTA

Quem ha alguns annos suggeriu pela primeira vez a Bordallo Pinheiro a idéa de montar uma fabrica de louça nas Caldas fui eu. Digo-o hoje com verdadeiro e legitimo orgulho de critico de arte. Ainda hontem ousava apenas confessal-o a mim mesmo, quasi horrorisado da responsabilidade enorme que assumira perante o destino d'esse illustre artista.

A tradicional industria das Caldas, cujos antigos modelos preciosos, constituindo um importante museu, se perderam por desleixo e por delapidação com os despojos do convento da Madre de Deus, achava-se hoje em grande decadencia, como se manifesta comparando as suas obras modernas com as do fim do seculo passado e com as do principio d'este seculo. O barro de Leiria, extremamente desaggregavel e fragil, substituira na fabricação de quasi todas as peças o barro local, encarnado e negro, incomparavelmente mais consistente, mas muito mais difficil de macerar, de amassar, de vidrar e de coser. Podia-se considerar perdido o segredo de tornear com precisão as fórmas geometricas, não sendo possivel encontrar um prato, uma chavena ou uma bilha rigorosamente aprumada no seu eixo, assentando em cheio, sem empeno na modelação e desvio da linha fundamental. Algumas côres, como o encarnado, eram applicadas a pincel sobre a peça forneada e sahiam pela fricção na ponta do dedo. A massa mal crivada e mal cosida, era grosseira, esponjosa, frangilissima, tocando a rachado ainda antes de partida. O desenho, pela ignorancia technica do operario, era em geral desproporcionado na correlação dos respectivos valores, infantilmente mesquinho na sublinhação de certos detalhes, grosseiro e falso na indicação abreviada de outros, no todo espesso, empastado, polluido de dedadas inconscientes. Restavam apenas alguns moldes de arestas rombas e fatigadas, uma notavel facilidade de imitação em grosso, e um vidro incomparavel cobrindo todos os productos de um brilho luminoso, irisiado, como um reflexo d'agua trepidante ao sol, banhando e envolvendo o barro como n'um inducto diamantino, translucido, deslumbrante, maravilhoso.

Se uma fina e delicada mão de artista chega um dia a tocar n'esta massa, a intervir n'esta encantadora tradicção, modelando do vivo estes animaes e estas plantas, insuflando-lhes a energia palpitante de talento creativo, grupando-os expressivamente pela flexão das linhas e pela juxtaposição das côres, esvaseando os fundos, apurando os contornos, avultando os relevos com a triplice sciencia do esculptor, do colorista e do decorador, Portugal — pensava eu — terá iniciado de um momento para o outro um cyclo d'arte ornamental tão glorioso como foi o de Lucca della Robbia, o de Benvenuto Celini e o de Bernardo Palissy.

Bordallo Pinheiro era em todos os pontos de vista o homem predestinado para esta bella tentativa pela sua facilidade prodigiosa como desenhador, pela limpidez e exactidão da vista, pela agilidade elegantissima do lapis, por um raro conjunto technico de aptidões plasticas, como improvisador ornamentista, como illustrador de livros e de jornaes, como aguarelista, como pintor, como lithographo, e sobretudo por essa faculdade summa, do artista verdadeiramente completo, que se não adquire senão na edade do talento plenamente educado, que presume a conjuncção do *virtuosismo* e do *dilettantismo*, e que se chama a faculdade complexa da *decoração*.

Na arte portugueza temos muitos poetas, temos infinitos prosadores, temos diversos desenhistas, temos varios architectos e esculptores, temos numerosos pintores e musicos. Decoradores temos dois, ou — verdadeiramente — não temos já senão um, Bordallo Pinheiro, porque o outro, Alfredo Andrade, expatriou-se ha muitos annos, e habita a Italia, onde está construindo, mobilando e ornando palacios, reconstituindo em grandes obras magistraes povoações inteiras do seculo XIV ou do seculo XV, com os seus monumentos, os seus edificios, o seu mobiliario, as suas vestimentas, os seus mesteres, os seus usos e costumes publicos e domesticos, com uma amplidão de vistas e um sentimento meridional de lustre e de pompa semelhante ao que foi a alma da grande arte da Renascença, dando a immortalidade aos encyclopedicos artistas incomparaveis como Miguel Angelo, Paulo Veronez, Leonardo de Vinci e Rubens.

Bordallo era pois o unico homem, mas era-o de um modo completo para intervir em Portugal n'uma industria d'arte, remanejando-a em concorrencia com as industrias similares do resto da Europa e fazendo d'ella um novo elemento de riqueza e de gloria nacional.

A EXPOSIÇÃO

Achamo-nos em frente de uma renovação completa nas fórmas da arte portugueza.

A corrente riquissima da inspiração nacional, eloquentemente manifesta nos trages, nas joias, no mobiliario, nas lendas e nas cantigas do nosso povo, encontrou emfim na sua trajectoria a alma de um artista assaz receptivo para se embeber inteiramente na poesia d'essa atmosphera, e uma mão de operario assaz experiente e assaz habil para vincar com as unhadas caracteristicas da mais energica e altiva personalidade a obra sahida d'esses fecundos germens da tradicção.

Não passa esta exposição d'um pouco de fragil barro cosido e vidrado. E não obstante sente-se ao contemplal-a o estremecimento raro e precioso que unicamente nos commove e abala perante as verdadeiras creações da arte produzidas por uma corrente ethnica, sahidas da alma collectiva de uma raça, e falando em resultado d'essa filiação ao sentimento latente de todos pelo sentimento expresso de um só.

O conjuncto d'esses mimosos artefactos tão ternamente acariciados pela mão do artista que os executou desperta no publico portuguez, juntamente com o goso artistico, a sensação orgulhosa de quem participa de um triumpho.

As louças de Bordallo, pela sua profunda expressão popular, pela sua accentuação tão caracteristica, a que podemos chamar a vernaculidade da fórma plastica, determinam uma commoção que é licito comparar á que se experimenta, por exemplo, no convento de Christo, em Thomar, na presença dos motivos architectonicos da famosa janella da casa do capitulo, vendo nobilitados pela arte e reduzidos a um tropheu monumental e glorioso os mais humildes attributos do trabalho de um povo, — as amarras das suas ancoras, a cortiça enfeixada dos seus sobreiros, a vela latina das suas embarcações, as boias das suas redes de pesca, os guisados dos seus machos de tiro.

Na louça nova das Caldas todos os motivos decorativos são tirados da fauna e da flora local ou dos utensilios domesticos do povo.

O typo da maior parte do vasilhame sae egualmente de modelos tradicionaes preexistentes, como a bilha de Coimbra e bilha da Maia, o pi-

chel de Redondo, o moringue de Extremoz, o cantaro de Barcellos, a alcofa do Algarve, o ceirão extremenho, o cabaz beirão, etc.

DESCRIPÇÃO DE ALGUMAS PEÇAS

Na moldura dos vasos de grandes dimensões, das talhas decorativas, de algumas das vasilhas de mão, sente-se á primeira vista a genealogia grega. Não foi essa de certo a intenção do artista. Nunca pela cabeça de Bordallo Pinheiro perpassaria a ideia de estudar ou de imitar a olaria archeologica, mas é curioso observar como d'entre as fórmas populares do vasilhame portuguez foram exactamente as de origem hellenica aquellas sobre que por mais vezes recahiu a sua preferencia.

Um dos vasos a que me refiro é decorado com os galhos de uma macieira em fructo. O operculo representa um cepo do tronco podado, cuja prolongação se suppõe entrar no ambito do pote. Do orificio destinado á torneira e collocado junto da base, rebentam dois esgalhos de arvore, que formam o ornato bracejando até á bocca do vaso, e collocando de espaço a espaço sobre a superficie lisa do fundo os mais graciosos grupos de folhas e de maçãs verdes. N'um outro a decoração consta apenas de um galho de girasol, com duas grandes flores desabrochadas, collocado na espalda do bojo, junto da bocca. N'outro o ornato é uma lagosta em plano vertical, estendida de dorso sobre o fundo, com as antenas para fóra. N'estas quatro peças, de egual calibre, a fórma é a de um casulo de bicho de seda, similhante á dos *bombylios* gregos, de base estreita simetrica com a bocca, e sem appendices.

Tres peças, egualmente em grandes dimensões, teem a fórma espheroidal dos *pithos*, especie de amphora sem azas e com pé, de collo curto, mais ou menos abertos de bocca. Estes tres vasos, dos mais preciosos da collecção, são perfeitamente torneados e cosidos, esmaltados de negro, de um negro profundo e rutillante, de onix, simplesmente ornados no bojo, um de uma grande flor de magnolia plenamente desabrochada e semi-murcha, o outro de um cacho de bananas, e o ultimo de uma corpulenta alga m rinha do mais soberbo tom acastanhado, tão humido e tão luminoso como se vissemos a planta fluctuar na babugem da maré vasante envolta n'uma transparencia de agua.

Um novo modelo de bilha hemispheroidal, guarnecida pela parte superior de uma asa semi-circular, lembra ainda a vasilha grega denominada *askos*, assim como outras recordam a *ambula*, a *canope*, o *cantharo* e a *cratera*.

Além d'estas fórmas principaes ha outras variadissimas: já em plano triangular, de estylo japonez; já em cylindro; já no typo da taça *tsio*, das libações sagradas da China, como os picheis; já em syfão, como o moringue e seus derivados, de tradição peruviana ou mexicana, identica á dos jarros de segredo ou taças de Tantalo; etc.

A collecção de vasilhas de meza é encantadora e promette á ceramica portugueza uma série de typos caracteristicos destinados talvez a uma celebridade similhante á que teem as canecas para cerveja da Renascença, esculpidas por Hans Siebmaker ou por Briot, os *drinkoorns* flamengos, as *seidels* da Allemanha, e na China as famosas taças veneraveis da magistratura e dos grandes letrados.

Das canecas de Bordallo citarei particularmente uma de que tenho o gosto de ser o possuidor.

É de barro vermelho esmaltado, da fórma de uma antiga medida portugueza, de uma *pinta* do tempo de D. Manoel. O bico adhere em angulo a toda a extensão do collo cylindrico e alto. A aza, lisa e rectangular, prende por uma das extremidades á linha inferior do collo e pela outra ao maximo diametro do bojo. Adorna-a em corôa festival, como nas urnas bacchicas, a haste fina, sarmentosa e virente de um feijoeiro vestido de folhas e de vagens. O todo é de uma graça bucolica, de uma frescura campestre do mais penetrante effeito. O verde tenro, mimosissimo, dos cirros em abraço e das folhas novas, transparentes, pingues de seiva, completa-se admiravelmente pelo fundo quente, quasi esbraseado, como tocado de um reflexo rubro de sol poente n'uma afogueada tarde de julho. É verdadeiramente uma peça *de appetite* na mais rigorosa accepção physiologica d'esta palavra, é uma peça aperitiva, que lembra os joviaes recantos d'horta, os fundos tranquillos de pomar e a mesa posta ao ar livre para um jantar orchestrado pelos melros, envolto n'um murmurio d'agoa e n'um perfume sadio de terras lavradas e de salada fresca.

Ramalho Ortigão.

A SERRA DO GEREZ

Não conheço em Portugal serra mais pittoresca do que esta e por isso bem digna de ser visitada.

Vão lá, porém, só aquelles a quem um mau figado ou um estomago alterado incommoda, e esses não sobem á serra; não procuram as frondosas florestas, a agua limpida e fria, que cahe em cascatas de rochedo em rochedo, ou o ar puro da montanha. Contentam-se com as aguas mineraes, com os passeios nas Caldas. Vêem a serra de longe. Aos altos vão os caçadores, procurar cabras e gamos.

Não vão lá os artistas, pois ahi teriam mina inexgotavel.

* * *

É sabido que a serra do Gerez fica não longe da capital do Minho e que faz parte do grande grupo de montanhas que limitam Portugal e Hespanha pelo norte. É menos alta que a serra da Estrella, pois que o morro do Borrageiro — que é o ponto culminante da serra — fica apenas a 1:442 metros d'altitude. Dois rios a limitam, d'um lado o Cavado, d'outro o Homem, e ambos, depois de banharem as ferteis terras de Bouro e outras, vão reunir-se perto de Braga, junto á ponte do Bico.

Hoje uma boa estrada partindo de Braga e seguindo as margens do Cavado, bella como quasi todas as estradas do Minho, permitte que o viajante vá commodamente até ás Caldas. A accidentação do terreno, a vegetação das terras cultivadas, Bouro com o seu velho convento, tudo interessa. Se o passeio é dado ao domingo, a cada passo a paisagem é animada por grupos de camponezes com seus vestidos caracteristicos.

Pode fazer-se a viagem pela bacia do Homem. É porém mau o caminho e monotona a paisagem. De Braga é facil ir tambem até ao Penedo. D'aqui, porém, até ao Gerez a jornada não é commoda.

* * *

Sigamos a estrada do Bouro. Admiremos de passagem a paisagem da ponte do Porto, o mosteiro do Bouro com as estatuas d'alguns reis portuguezes. Não será fóra de proposito comprar algumas laranjas, que já foram elogiadas pelo professor Link.

Desde que se sae de Bouro a estrada sobe consideravelmente. O rio Cavado, a grande profundidade, mostra-se raras vezes. Para elle desce mais tarde a estrada e n'uma volta, quasi de repente, se depara com a serra do Gerez, cujo perfil se observa admiravelmente.

Em pouco tempo o carro passa junto da ponte do Cavado, atravessa a ponte do Caldo e segue pela nova estrada que corta os campos de Villar da Veiga. Começam ahi as bellezas do Gerez. A esquerda da estrada corre o Caldo, e o viajante pode, logo admirar uma das paisagens mais notaveis. Dá d'ella idéa a gravura da primeira pagina. É um quadro completo.

A paisagem só muda de modo sensivel nas Caldas. O valle é apertado, as encostas da montanha alterozas, o rio torrencial.

Quando em junho alli estive, depois d'uma noite de chuva, que mais parecia noite de dezembro, que admiravel quadro não offerecia de manhã o Caldo, correndo por entre grossos calhaos rolados no seu apertado leito, ficando no ultimo plano a serra da qual começavam a levantar-se as densas nuvens!

A pequena povoação das Caldas nada tem que prenda a attenção do viajante. É bom deixal a aos hypochondriacos. O artista prepara-se e segue para a serra.

* * *

É quasi de rigor ter por guia o *Rigor*. Conhece elle todos os estreitos caminhos e todos os recantos da serra. Tendo-o por companheiro ninguem alli se perderá.

A primeira excursão deve ser ao Borrageiro e para mais commodidade seguir-se ha o caminho de Leonte, caminho quasi só de cabras, mas que é facil subir a pé. Os cavallos das Caldas trilham-n'o admiravelmente e os cavalleiros podem fiar-se n'elles. Se as cilhas não rebentam, não ha queda possivel.

Até á *Preguiça* nada ha de notavel. Mas ahi tudo muda. Em frente ostenta-se imponente a montanha, profundamente cortada, deixando advinhar uma estreita passagem — a *portella de Leonte*: á esquerda o *pé do Cabril*, que parece ruinas de enorme castello. É formado de rochas sobre rochas. Á direita os primeiros degraus do Borrageiro encobrem o resto da montanha. A grande profundidade correm as aguas, que descem de Leonte e que de todos os lados recebem pequenos affluentes Vegetação frondosissima cobre a parte da serra que pode d'ahi ser vista.

Da *Preguiça* até ao *Vidoal* o caminho segue sempre á sombra de copadas arvores. As margens dos regatos são cobertas de verdura; os troncos dos carvalhos forrados de musgos. Uma pequena violeta vive até sobre as pedras que a agua molha.

No meio de tudo isto ha singulares curiosidades. Um carvalho enorme, cahido sobre o pequeno rio, não morreu. Foi vivendo e como a luz lhe era necessaria, foi levantando os ramos. Coberto de espessa camada de musgo assemelha-se agora a enorme sophá. Pode ahi bem repousar, quem se achar cançado.

O caminho de Leonte para cima é aspero. A vegetação diminue, chegando por fim a ficar reduzida a pequenos grupos de *teixos* e de elegantes *vidoeiros*, que vivem nos corregos por onde corre a agua.

Depois só as pedras ornam a montanha. Revestem ellas todas as formas, attingem todas as grandezas, dando á paisagem um aspecto que pela aspereza contrasta profundamente com o que até alli se tinha visto.

As *portas* são uma das muito singulares formas, que as rochas apresentam. Parecem mais obra do homem, do que da natureza. O Borrageiro é terminado por enorme massa de granito, polida pela neve, batida pelas tempestades. Quasi nenhuma vegetação ahi se encontra.

D'este ponto elevado a vista estende-se por largo horisonte. As montanhas de Barroso e de Traz os-Montes simulam ondulações gigantescas de mar enorme.

(Continúa) *J. Henriques.*

MOSTEIRO DE AROUCA

A presente gravura, cópia de uma excellente photographia de Biel, é como que um esclarecimento á série de artigos que sobre a villa e mosteiro de Arouca publicámos no OCCIDENTE, em os numeros 174, 177, 178, 179 do 6.º volume, e 181, 183, 184, 186, 187, do volume 7.º, — artigos que vieram então acompanhados por dois desenhos tomados do natural.

Para evitarmos repetições superfluas, quasi que nos limitamos hoje a reenviar o leitor a esse estudo, onde foi tratado largamente tudo quanto prende com o panorama figurado na actual gravura.

O mosteiro é a immensa mole de pedra que avulta no segundo plano, sobre a esquerda do observador, e no extremo oeste da villa. Data a sua construcção, na maior parte, da primeira metade do seculo XVIII, filia-se na ordem toscana e não tem primores de architectura que o recommendem. Fórma um vasto edificio quadrangular, medindo com aproximação 9:000 metros quadrados e orientado sensivelmente polos quatro pontos cardeaes. Esse quadrilongo distingue-se bem, na estampa: por uma parte da fachada que olha ao observador, — a que segue do torreão para a direita; pola fachada seguinte, incostada a umas casas e sobrepujada por uma branca chaminé; pola seguinte, que se liga com a egreja e termina á esquerda n'um outro pequeno torreão quadrangular; e por uma ultima, — a occidental, que vae de torreão a torreão.

A restante porção da fachada mais visivel da estampa, (que é a fachada sul), é um braço appenso ao mosteiro, no mesmo estylo architectonico e servido por uma escadaria monumental, onde se alojam os sumptuosissimos celleiros. Este braço, com um elevado muro que lhe fica fronteiro, — no prolongamento da fach da septentrional do edificio, — e com a face que liga os torreões, á direita, e, á esquerda, um renque de casas de hospedagem para padres e commensaes do mosteiro, circumscreve o terreiro do convento, vastissimo e bem medido. No muro fronteiro aos celleiros abre-se sobre a rua um ancho portal de ferro fundido, superado por uma grande cruz de pedra, que se vê, em branco, na gravura.

As duas faces visiveis da grandiosa fabrica deitam para a cêrca, que era extensissima; a que vae de torreão a torreão, fórma, como acabámos de vêr, um dos lados do terreiro, e é n'ella que se abre a portaria; a quarta, voltada ao norte, é a que deita propriamente sobre a villa. Querendo o leitor recorrer á gravura da egreja matriz de Arouca, publicada a pagina 240 do 6.º volume do

A Exposição da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha — Secção de louça artistica, sob a direcção de Raphael Bordallo Pinheiro
(Desenhos do natural por J. Christino)

Occidente, póde ajuizar da situação do mosteiro em relação á praça, considerando que a tal face septentrional fica logo á direita d'essa gravura, fechando um dos lados da praça, e desinvolvendo-se n'um plano perpendicular ao do campanario da egreja.

Esta face tem a respeitavel extensão de 100 metros, e é toda occupada pola egreja do convento e côro respectivo. Muito caiada e limpa, é toda cortada a espaços em largas riscas anegradas por grossas pilastras toscanas de granito, entre cujos intervallos se abrem umas desgraciosas frestas, em *aza de cesto*, destinadas a allumiar o templo.

Da presente gravura póde bem ajuizar-se quanto é fertil e formoso o valle de Arouca, uma das paragens mais deleitosas e amenas, mais exuberantes de vida, mais prodigas de incantos e frescura, em todo o paiz.

Póde tambem vêr-se quanto é mesquinha e reduzida a villa, que por pouco não cabe toda dentro do convento. Quasi que não tem senão duas ruas: uma em declive (sobre a direita da gravura), descendo dos montes do Arressaio; outra seguindo-se a esta em angulo quasi recto, e conduzindo á praça, onde poisam o convento e a egreja matriz.

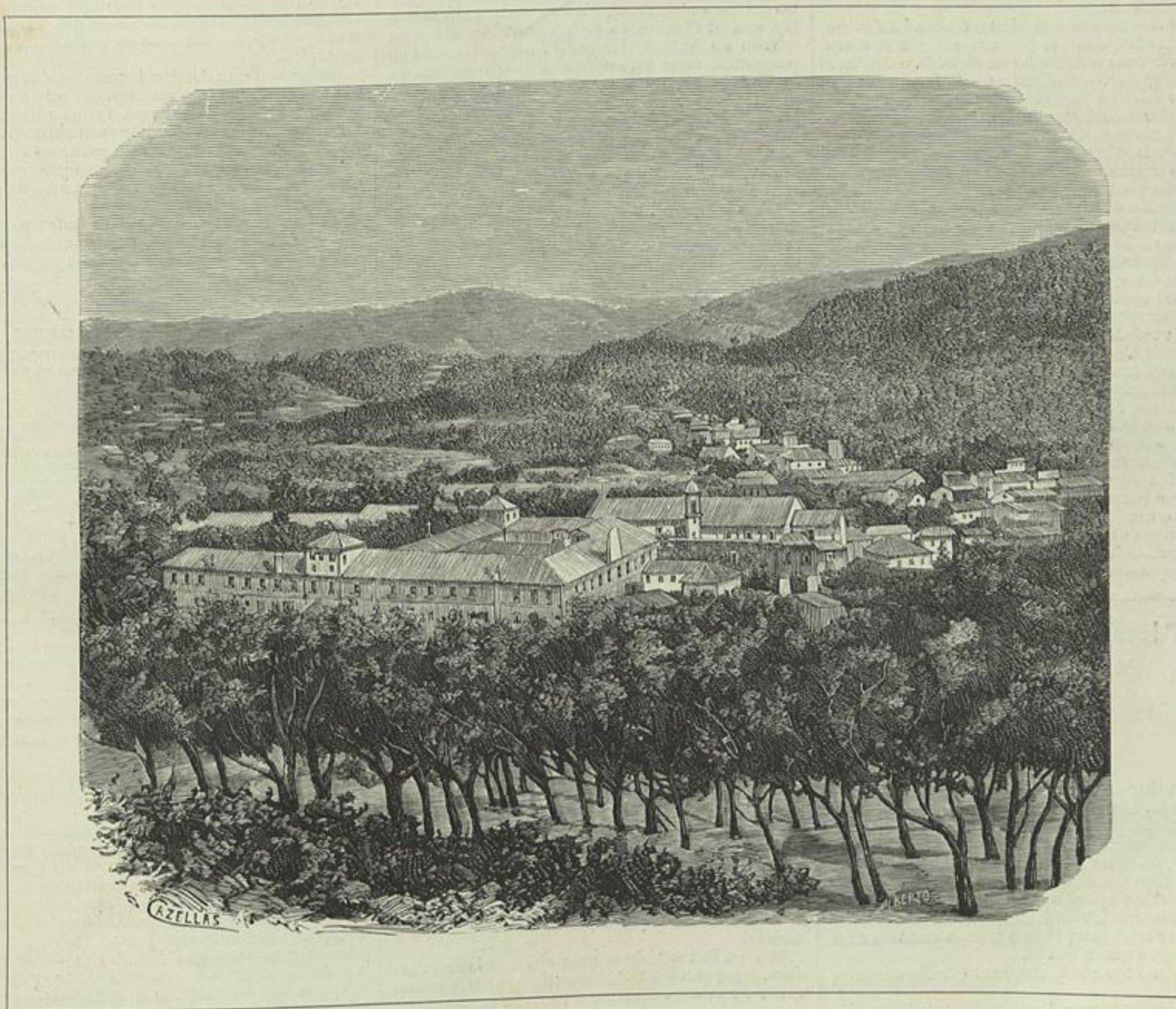
O denso e corpulento arvoredo do primeiro plano da estampa viceja na falda da serra da Freita, que ali começa a aprumar-se altiva e severa, guardando ciosamente o valle pelo sul.

A. A.

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

(Continuado do n.º 258)

Por cinco vezes saiu José Carlos dos Santos de Portugal, na louvavel intenção de augmentar o peculio das suas indagações artisticas; de estudar, com os modelos á vista, as transformações por que modernamente iam passando as artes scenicas.

Foram rapidas as impressões de viagem do actor portuguez, e escriptas quando a vida se lhe ia já apagando. O cunho de verdade que sella as paginas do seu *Album* denuncia o completo desprendimento do homem que sente que morreu para a arte, e póde sem conflictos julgal-a no tribunal da consciencia.

Mosteiro de Arouca (Segundo uma photographia de E. Biel)

Exacto no confronto, e na apreciação da indole do theatro francez e hespanhol, o seu espirito não perde o recato nem a serenidade, quando tem que se referir aos seus collegas que foram, aos que o ensinaram, como áquelles a quem elle ensinou.

É assim que ao fallar do muito que as peças lucram com a severa harmonia do conjuncto, e a indispensavel afinação na reprodução dos accessorios dramaticos, que elle encarece os theatros de Paris, accrescentando logo em seguida: *Nós tambem por cá tivemos quem entendesse da materia, e bem a fundo, o mestre dos mestres; Epifanio Aniceto Gonçalves.*

E, aproveitando o ensejo eil-o fallando com egual enthusiasmo de João Anasthacio Rosa, de Emilia das Neves, de Soller, de Manuela Rey e de Delfina, ávido de ajustar as suas contas com o passado, receioso que o tempo lhe falte para a manifestação das saudades dos seus dias de juventude, quando elle era um simples sonhador, sem partilha ainda nos triumphos dos que entre si repartiam então os applausos das platéas.

Uma coincidencia que me cumpre não deixar no esquecimento para gloria da arte nacional. Em 1859 tinha Emilia das Neves sido escripturada para o theatro Baquet do Porto, na mesma occasião em que a grande tragica Ristori representava no theatro de S. João da mesma cidade o *Angelo* de Victor Hugo, que não agradára.

A empreza do Baquet ignorando as intenções da notabilissima tragica, tinha já em ensaios de apuro o mesmo *Angelo* que acabava de ser reprovado pelas platéas portuenses. Curando exclusivamente dos seus interesses, a empreza do theatro Baquet insistiu, ordenou que o drama subisse á scena, e Emilia das Neves teve que obedecer. Na ousadia do confronto iam empenhados os interesses da empreza.

Chegou a noite da representação. A companhia italiana da Ristori, com ella á frente, occupava um grande numero de camarotes, anciosa por ver o resultado de tão singular duello.

Quando acabou o drama, Emilia das Neves era o alvo das mais calorosas ovações. O drama, magistralmente traduzido por Rebello da Silva, tinha sido ferverosamente applaudido, e a grande actriz italiana descia ao palco a abraçar a sua collega, a que mais tarde na *Judith*, na *Medêa* e na *Adrianna Lecouvreur*, lhe havia ser gloriosa rival, apezar da suavissima voz de Emilia das Neves se prestar menos que a da Ristori ás notas secca, acres, saccudidas, que se requerem nas situações excepcionaes da tragedia.

Annos depois, era Rossi, o tragico por excellencia, que reconhecia em José Carlos dos Santos, um artista de raça, e de egual para egual se communicavam as suas mutuas impressões, não se pou-

pando os reciprocos applausos, embora em manifestações differentes da mesma arte.

Passando pelo alto a parte anecdotica de *Album* de José Carlos dos Santos, não por que elle não preste para se reconstruir o viver individual dos artistas a que se refere, mas porque é outro o nosso rumo ao escrever estas linhas, convém meditar na apreciação que do actor Antonio Pedro, actualmente no theatro de D. Maria II, fez a insuspeita actoridade de seu collega.

No seu testamento artistico, José Carlos dos Santos depois de affirmar que o verdadeiro actor não carece de um publico especial, nem de um theatro unico para affirmar o seu talento, e recordando os papeis que Antonio Pedro desempenhou com grande proficiencia no *Saltimbanco*, nos *Solteirões* e no *Paralytico*, aconselha-lhe a que não prostitua o seu merecimento, descendo a ser protogonista de farças sem cunho litterario, e declamando scenas comicas sem nenhuma especie de alcance theatral.

Para lhe estimular a modestia Santos lembra ao actor seu discipulo, que procure enriquecer o seu reportorio com o *Avarento* de Molière, o *Shylock* de Shakespeare, o *Triboulet* do *Roi s'amuse*, e o *Froylão Dias* do *Alfageme de Santarem*.

Reproduzimos intencionalmente este conselho para que chegue aos ouvidos do interessado, proveito menos d'elle que do theatro nacional, que a meu ver não deve cingir-se exclusivamente ao reportorio modernissimo, sacrificando as faculdades artisticas dos que podem ser interpretes dos typos immortaes dos dramas de outras escolas, hoje sem razão abocanhados em nome da verdade na arte, verdade que muitas vezes desce á semsaboria, ou á torpeza da vida vulgar.

Não sei aonde li ha tempo, a proposito de escolas dramaticas, esta que se nos affigura uma grande verdade: «*Se compararmos o drama da actualidade com o de outros tempos, acharemos a mesma differença que existe entre uma photographia e um quadro a oleo; entre o sr. Nadar, photographo em Paris, e Raphael, cidadão italiano*, entre o cartão de mr. Un tel e a Fornarina.»

Custa a comprehender como José Carlos dos Santos prometteu, e cumpriu no seu *Album*, evitar os *sermões de lagrimas*, e mais ainda como teve valor para por vezes sorrir no meio das tempestades que o assaltavam!

Ha annos encontrara-o eu na praça de D. Pedro, triste, abatido, scismatico. Perguntei-lhe o que tinha e respondeu-me que sentia enfraquecer-se-lhe a vista, mas que isso não era ainda o peor. O peor, dizia, eram uns como clarões interiores que lhe escandeciam o cerebro povoando-lh'o de visões! D'ahi a mezes estava cego, completamente cego! As portas do templo da arte tinham-se lhe fechado para sempre! Restava-lhe a conformidade com a sua sorte, a conformidade que Deus nunca nega áquelles que ficam privados de vêr as maravilhas da natureza. Santos conformou-se com a desgraça, e começou a desempenhar ao vivo o papel que representára na *Leitora*. Com a leitura dos jornaes, dos livros e dos dramas, leitura feita pacientemente por Amelia Vieira, achava se Santos por algumas horas no seu mundo anterior!

Se a prespectiva de um triste e inevitavel futuro não viesse por vezes assaltar-lhe o espirito, dir-se-ia que a paz do seu lar domestico tinha feito o milagre de o rejuvenescer para a arte que com tamanho esmero cultivára.

O que se ensaia agora em D. Maria II? perguntava. Que comedias novas tem posto em scena o Gymnasio? O que diz a imprensa da Virginia? Que é feito do Antonio Pedro? E, desenvolvendo as perguntas, eram interminaveis as divagações, os commentarios, as analyses, as theorias!

Vivia feliz... ao que parecia. Elle que soubera levar alegre a vida de rapaz, e que depois timbrara em saber viver a vida do artista, de tudo por momentos se recordava, chegando por vezes a pôr em pratica alguns desejos dos tempos da sua gloria e da sua prosperidade.

Um dia porém, vieram-me dizer: O Santos ao metter-se n'um trem para vir ao Conservatorio assistir ao exame de uma filha, quebrou uma perna! D'ahi por deante a fatal doença que o matou encarregou-se de reproduzir n'elle, dia a dia, os mais longos e dolorosos tratos da inquisição. Pouco depois partia-se-lhe um braço, e mais tarde a outra perna!

Mutilado, dilacerado, informe, ainda assim Santos sentia apêgo á vida! Pensava nos filhos, perguntava pelos amigos, mas nem por um momento, a pobre sombra de si mesmo, queria que o deixassem a sós com os seus pensamentos!

Amelia .. era o seu chamar incessante! N'este grito, ainda theatral, como todos os gritos de alma que reproduzem as grandes dores, estava a synthese de todos os pensamentos accumulados e reproduzidos em uma palavra unica! Amelia significava para o moribundo as recordações do passado, e o terror do futuro.

N'aquelle chamar continuo por um unico nome, iam como envolvidos os nomes dos filhos, a suprema despedida dada aos amigos... um como pedir de misericordia para as dôres crueis que o pungiam!

De repente rebentavam as lagrimas de todos os olhos... José Carlos dos Santos tinha deixado de existir, e a medicina ordenava a remoção immediata do cadaver, porque o involucro terrestre d'aquelle que fôra um grande artista desde logo attestava a miseria da condição humana...

O funeral de José Carlos dos Santos foi concorridissimo. Dois ministros de estado em exercicio, os srs. Thomaz Ribeiro e Pinheiro Chagas, furtando-se ás exigencias da politica, que os reclamava, compareceram a prestar o seu preito á memoria do actor que dera realce a algumas poesias do primeiro; vida e vigor a uma das principaes figuras do *Drama do Povo*, do segundo.

A imprensa, que nunca se desmentira na apreciação dos finos quilates artisticos do finado, esteve largamente representada no prestito funebre, e sem excepções cerradas as portas dos theatros da capital.

No meio d'este desabar incessante dos mais nobilitados artistas, uma idea nos consola o espirito, e é que as artes não morrem. Talma e Rachel desapparecem, e sobrevivem-lhe as obras de Corneille e de Racine. Umas poucas de gerações teem passado sobre as cinzas de Shakespeare, e as suas immortaes tragedias ainda não deixaram de encontrar condignos interpretes.

Tenhamos pois fé em que o theatro portuguez sobreviverá a essa lei fatal, que arranca com a morte os mais virentes loiros das cabeças altivas dos mais inspirados artistas.

L. A. Palmeirim.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

V

A Photographia applicada á exploração do céo — Corpos celestes revellados pela photographia — A nova nebulosa — O que são nebulosas e cumulos estellares — O calor animal — Oxydo de carboneo, seus effeitos deleterios; precauções na vida domestica — Os venenos — Comprovação da prophyllaxia do virus rabico por Pasteur — 350 pessoas inoculadas — A Algina.

A photographia applicada em apparelhos especiaes tem obtido resultados pasmosos na exploração do céo. Os srs. Paulo e Prospero Henry no Observatorio de Paris conseguiram, com uma hora

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 258)

XXIII

O pacto

Resta saber se o *Trovão* e o *Frade*, restituidos á liberdade, haviam ganhado com essa mudança de situação.

— Meus amigos, lhes disse o filho do escrivão do crime, creio ter pago com bizarria a divida que contrahi com um dos senhores

E voltando-se para o *Trovão* proseguiu:

— Salvou-me a vida e eu livrei-o dos ferros de el-rei, que nem sempre são menos terriveis nem menos duros que a morte.

Ia o cigano agradecer-lhe, mas elle dispensou-o, dizendo:

— Reservemos para logar mais proprio ulteriores explicações.

Depois convidou-os a que o seguissem, certificando-lhes que tinham muito que conversar em interesse commum.

Não passou esta phrase desapercebida.

Pozeram se a caminho.

Atravessaram d'este modo parte da cidade, e quando chegaram a certo ponto muito conhecido d'elles, o *Frade* e o *Trovão* lançaram um olhar de desconfiança ao seu guia, como se perguntassem a si mesmo:

— Aonde nos leva este homem?

Elles conheciam perfeitamente o terreno que pisavam e parecia-lhes singular que aquelle estranho que se lhes apresentava de uma maneira um tanto enigmatica, e cujas intenções reservadas lhes não era licito ainda conhecer, fosse conduzil-os á propria casa d'elles.

Mas o facto é que estavam na azinhaga conhecida pela designação de Poço de entre as Hortas, e a realidade é que chegados em frente do cazebre abandonado, em que faziam as suas reuniões, esse estranho se voltava para elles e lhes dizia:

— Entremos como bons amigos.

Seria uma nova cilada, algum laço que lhes armava a justiça?

Aquelle homem era filho do escrivão do crime, e portanto o *Trovão*, mais ainda do que o *Frade*, começava agora a desconfiar d'elle.

Todavia resignou-se a aguardar a sua sorte.

Introduziram-se nos casebres arruinados, e, ao chegarem junto da porta que dava para a casa subterranea, Manuel de Pina antecipou se-lhes e fez o signal trocado entre elles para se reconhecerem.

Então o espanto dos dois subiu de ponto.

Que podiam julgar d'aquelle homem? Era crivel que os patriotas generosos, que expunham a sua vida e fortunas por uma causa nobre, se alliassem com gente, cuja unica fé era matar e roubar? Poderia acreditar-se que a justiça se alliasse com o crime?!

Mas os factos tinham uma eloquencia esmagadora, porque a porta abriu se de par em par e um ruido de vozes avinhadas e terriveis acclamou os recem-chegados.

Os companheiros da noite iam achar se emfim de novo reunidos debaixo do mesmo tecto. De entre elles destacava-se um vulto de mulher esfarrapado e medonho que mais parecia uma furia que um ente humano.

Era a cigana.

Ella estendeu os braços nauseabundos e esqualidos para o *Frade*, e fazendo uns esgares truanescos e horriveis, tirava, da sebenta sacola que lhe pendia da cinta, suspensa a tiracolo por dois pedaços de orello, punhados de moedas de prata e cobre, bradando:

— Olha, meu amor, meu bem, tudo isto é para ti, é teu... Estou rica, percebes? E só tu me faltavas para que fosse feliz. Ah! E não viesses que haviam de saber quem era a cigana. Cuidavam que eu me vendia, mas enganaram-se. Logo que percebeu o logro fez-se forte. O frade de S. Roque escapou se porque eu quiz, percebes, foi o preço da tua liberdade, comprehendes? Agora que já estás livre que o leve o diabo.

Estas palavras da cigana eram para o *Frade* um ponto de partida para os seus raciocinios.

Começava a comprehender um pouco a rasão do que se estava passando e o papel que representava em todo aquelle enredo o pobre chefe dos guardas da cadeia.

Mas aquelle Manuel de Pina incommodava-o.

Estava manifesto qae era um agente do corregedor, e este facto obrigava o a reflexões mais detidas.

Como conseguira elle ganhar a confiança d'aquella gente; que significava a presença d'elle entre os seus antigos companheiros?

Tudo isto fazia-o temer pelo futuro.

Ia protestar contra as acclamações de alegria d'aquella gente; dizer-lhes que se haviam deixado cair n'um laço armado habilmente por um espião audaz e habilidoso, mas ao mesmo tempo Manuel de Pina fizera signal de que ia fallar, e já possuia sobre aquelle auditorio um ascendente bastante pronunciado para que deixasse de ser obedecido e o *Frade* se atrevesse a cortar-lhe a palavra.

Quem era ali de facto o verdadeiro chefe era elle.

— Rapazes, disse Manuel de Pina, dirigindo-se ao *Frade* e ao *Trovão*, agora podemos fallar com franqueza e boa amizade.

Fez-se um silencio verdadeiramente respeitoso. A propria cigana, sempre irrequieta e de natural falladora, foi enroscar-se a um canto, sobre a sua esteira de tabúa, e não se atreveu sequer a soltar um monosyllabo que viesse perturbar o silencio respeitoso com que o auditorio aguardava a palavra do mestre.

Manuel de Pina proseguiu:

— É muito bom ser filho do escrivão do corregedor do crime quando se possue dois mil cruzados de renda. Não nos faltam amigos nem prazeres, nem mil adulações que lisonjeiem a nossa vaidade. Quando, porém, em vez de dois mil cruzados de renda, apenas nos é licito ter dois mil cruzados de dividas, porque ninguem mais nos empresta real, nada comparavel com os horrores d'essa situação. Ora eu achava-me justamente n'este caso antes de os conhecer. Estava entre o suicidio e a bancarrota, e ambas estas soluções me incommodavam em razão do futuro. Se me suicidasse o mal era para mim, se declarasse a bancarrota o mal tambem era para mim, porque mais

de exposição, clichés de 6 a 7 grãos quadrados, nos quaes ha reproduzidas estrellas em numero de muitos milhares, algumas da 17ª grandeza, o que é extraordinario.

Alem d'essas estrellas a photographia revellou nebulosas e estrellas até aqui invisiveis para a vista armada dos mais poderosos telescopios. Junto da estrella *Maia* na constellação das *pleiades*, a que o vulgo chama *sete-estrello*, foi observada por esse meio uma nebulosa sob a fórma de penacho ou de cauda cometar multipla. Explica-se isto do seguinte modo: ha raios luminosos que não affectam a retina, taes são por exemplo os raios de luz côr violeta que são pouco perceptiveis á nossa vista, mas são estes os que mais impressionam as placas photographicas. A photographia pois não sómente vê mais do que nós, mas fixa as linhas principaes do que vê e conserva-as, e por isso substitue com vantagem o observador.

A *nebulosa* descoberta ultimamente, 16 de novembro, manifesta-se como uma erupção brilhante sahindo da estrella *Maia*. São conhecidas muitas outras *nebulosas*, (contam-se por milhares) as quaes são agglomerações de materia cosmica, que parecem brilhar de luz propria n'uma distancia maior ou egual á dos cumulos de estrellas, não parecem ter movimento proprio sensivel e tanto á vista simples como nos telescopios apresentam-se como uma nuvem luminosa ou nebolusidade esbranquiçada de variada fórma É a William Herschel que se devem as principaes descobertas com respeito ás nebulosas. Confundiam-se antigamente as estrellas nebulosas ou cumulos de estrellas com as nebulosas propriamente ditas. Aquelles sendo observados com poderosos telescopios resolvem-se em pequenas estrellas, que parecem muito juntas umas ás outras, o que é apenas apparente, pois que attendendo á grande distancia em que estão, esse espaço que fica entre ellas pode ser enorme. Como exemplo de grupo ou cumulo estrellar podem citar-se o da constellação *Cabellos de Berenice*, e o do *Centauro*, o qual segundo John Herschel occupa no céo um espaço superficial apparente quasi egual á metade do disco da lua. Um outro cumulo importante é o de Hercules, cuja fórma é irregular e parece franjado nas bordas. A famosa *nebulosa* de Andromeda, que se julgou por muito tempo irresoluvel, observada com o poderoso telescopio de Cambridge nos Estados Unidos foi reconhecida compor-se de mais de 1:500 estrellas.

Outros cumulos de estrellas apresentam a fórma de annel. Tal é o da constellação da Lyra. A via lactea, zona que atravessa o ceo e a que o vulgo chama *Caminho de Santiago* é um cumulo estellar ao qual pertence o sol e com elle o seu cortejo de planetas e satellites.

D'entre as *nebulosas* propriamente ditas mais notaveis deve citar-se a de Orion, descoberta a primeira vez por Huyghens em 1659. Tem a fórma de uma bocca de animal cujo focinho se prolongasse em trompa; a parte mais brilhante parece voltejar como se fosse uma chamma mobil; occupa no céo uma grande extensão. Na constellação da *Grande-ursa* ou o *carro*, como lhe chama o vulgo, ha uma nebulosa redonda e brilhante, com duas estrellas no centro, cercadas cada uma de um circulo escuro. Algumas vezes uma das estrellas deixa de ser visivel. Seria longa a ennumeração d'estes corpos, que parecem ser mundos ou systemas de mundos em via de formação.

— São curiosas as experiencias de Desplats realisadas ultimamente no Museo de Historia Natural de Paris. Eis os resultados: — 1.º Em peso egual e em egual unidade de tempo as aves desenvolvem quantidade de calor tres vezes maior que os mamiferos, absorvem tres vezes mais oxygenio e exhalam tres vezes mais acido carbonico. — 2.º Nos animaes envenenados pelo oxydo de carboneo ou pelo alcool applicado em injecção subcutanea, a producção de calor é diminuida sensivelmente, e ao mesmo tempo ha tambem uma diminuição notavel na quantidade de acido carbonico exhalado e de oxygenio absorvido. Parece pois fóra de duvida que nem o alcool nem o oxydo de carboneo se queimam no organismo e por isso não contribuem para a producção do calor animal.

Com respeito á acção do oxydo de carboneo no sangue ha uma experiencia fundamental de Claude Bernard, que mostra a acção especifica d'esse gaz, o qual vae buscar no sangue os globulos vermelhos, e ahi se fixa, sem tocar nas cellulas musculares ou nervosas. A acção deleteria d'este composto de carboneo e de oxygeneo é tal, que basta que elle exista no ar na proporção de 1:100 para matar uma ave. É elle a causa das vertigens, das dores de cabeça e do mau estar das pessoas, que se conservam em camaras mal arejadas ou aquecidas por meio de rescaldos, brazeiros, ou fogões de tiragem insufficiente. Fixo nos globulos sanguineos fórma com a hemoglobina uma combinação estavel, que não é alterada pelo exygeneo do ar e que atrophia esses globulos. Quando não dê a morte immediata, por ser em pequena quantidade, predispõe para a consumpção e para a tisica.

O oxydo de carboneo produz-se de muitos modos na vida domestica. Produz-se sempre que o carvão é elevado a uma alta temperatura no lar, sem que o oxygeneo do ar seja em quantidade sufficiente para transformal-o em acido carbonico ou anhydrido carbonico, o qual não tem as propriedades venenosas do oxydo. Do mesmo modo quando se lança alguma agua sobre o coke ou o carvão para arderem mais ateados, ou quando se apagam as brasas com agua. Os fogões de ferro *esquentados* até ficarem em braza espalham nos quartos uma notavel quantidade de oxydo por dois modos: porque o ferro fundido aquecido ao rubro transforma em oxydo o acido carbonico do ar nas proximidades do calorifero; e porque o ferro fundido sendo permeavel dá passagem ao oxydo formado no foco da combustão.

Esta acção electiva para determinados tecidos nota-se em outros venenos. Carlos Richet nas suas notaveis licções demonstra que cada substancia tonica tem o seu tecido especial, que vae atacar emquanto respeita os outros, isto é, emquanto os primeiros elementos atacados não se acham convenientemente saturados.

A *strychnina*, por exemplo, alcaloide que existe na *nós vomica*, fructo do *strychnos nux vomica*, Linn, — ataca especialmente a vida animal. A sua primeira acção é no canal intestinal e a principal influencia no bulbo rachidiano. Administrada em doses pequenissimas, ainda assim é perigossa se o organismo não foi habituado gradualmente. Os effeitos do envenenamento são terriveis: os espasmos tetanicos são separados por alguns momentos de tranquillidade, mas reproduzem-se sob o contacto de qualquer corpo ou ao ruido mais insignificante No estado de asphyxia que dura alguns minutos, o doente conserva uso dos sentidos. Ranhe, Nothnagel, e outros dizem que a constante corrente galvanica sobre a medulla espinhal debella as espasmos tetanicos, e tambem a respiração artificial até completa apnéa ou a etherisação. — A *aconitina*, alcoloide extraido do *Aconitum Napellus* Linn, — é um veneno da vida organica. Nota-se no envenenamento pela aconitina a paralisação das pulsações do coração, no qnal fortes excitaçações electricas deixam de actuar. A acção d'este alcaloide não é comtudo exercida sobre a parte muscular, mas sobre os ramos nervosos, sem que a medulla pareça ter sido affectada.

A *Morphina* extrahe-se do opio, e é um poderoso narcotico e veneno violentissimo. Ataca a vida psychica. Carlos Richet escolheu estes tres

---

ninguem me confiaria um real. N'esta indicisão via-me ás vezes forçado a pagar aos meus credores de uma maneira que não lhes devia ser muito agradavel. Fiz-me valente; mas uma noite, quando já dizia mal á minha vida, porque me encontrava empenhado n'uma luta desigual e terrivel, houve um braço que se ergueu em meu auxilio e me salvou de um apuro immenso.

Dizendo isto dirigia-se a todo o auditorio e perguntava:

— Quereis saber, senhores, que braço generoso e salvador foi esse de que vos fallo?

E apontando galhardamente para o *Trovão*, concluiu:

— Foi o d'este homem.

Um murmurio de surpreza encheu o sordido casebre.

— Jurei-lhe uma dedicação eterna, dei-lhe o meu nome, e fiquei magoado de me apartar d'elle sem lhe perguntar o seu. Quiz o acaso porém que nos encontrassemos n'essa mesma noite em casa do corregedor e no dia seguinte ainda em casa do mesmo magistrado. Interessou-me a sua sorte e a do seu companheiro. Comprehendi que tinha caido n'um laço infame, urdido astuciosamente pela justiça, e procurei salval-o, pagando-lhe assim uma grande divida de gratidão.

Uma acclamação enthusiastica interrompeu-lhe a palavra.

Agradeceu modestamente e proseguiu:

— Eu estava ao facto de tudo o que se passara, meu pae referira-me tudo. Corri então a casa da cigana, e emquanto o corregedor e meu pae punham em ordem de acção o seu plano, punha tambem eu em execução os meus designios. Tinha vontade de conhecer de perto os costumes d'esta gente de quem mil historias maravilhosas me haviam referido desde a idade infantil. Todos me receberam com alvoroço. Tratava se de impedir que a cigana completasse as revelações que a justiça esperava colher d'ella; era essa a unica taboa de salvação que restava á quadrilha; convenci os d'isto e pedi para que me associassem nas suas empresas; communiquei-lhes os meus planos que foram acceites ao principio com repugnancia e depois com alvoroço, com enthusiasmo, e a minha ambição foi satisfeita, porque o nosso trabalho ha de garantir bem para cada um de nós, no fim do anno, dois mil escudos de renda.

O *Trovão* e o *Frade* mal podiam acreditar o que estavam ouvindo.

Já tinham realisado com o auxilio, e sob o plano d'elle, duas operações importantes, de cujos lucros conservavam em deposito a parte respectiva aos companheiros ausentes.

Estas attenções eram de captivar.

— Toma conta, disse elle familiarmente, dirigindo-se ao *Frade*, teem-me contado de ti cousas espantosas de audacia e de arrojo e esperava com impaciencia a hora da tua liberdade para entrarmos na parte mais lucrativa das nossas especulações — o roubo das egrejas.

O *Frade* fez um gesto de enfado e encolhendo os hombros disse:

— Que diabo de negocio.

A cigana sacudiu-o por um braço com violencia e bradou lhe:

— Poltrão, tens medo agora?

— É o melhor dos negocios, homem, proseguiu o filho do corregedor, porque se encobre com a capa do sacrilegio e vae d'ahi lá estão os judeus novos para pagarem com os ossos na fogueira.

Um coro de gargalhadas cynicas acclamou as palavras de Manuel de Pina.

O *Frade* estava visivelmente incommodado, mas a prudencia mandava-lhe que procedesse conscientemente e com toda a circumspecção.

Dissimulou por isso o mais que lhe foi possivel o resentimento de que estava possuido e disse, encolhendo os hombros com ares indifferentes.

— Pois sim, póde ser que seja o roubo de egrejas o melhor dos negocios, mas devem convir que não é dos menos arriscados, sim, apesar de haver judeus para carregarem com as culpas, ás vezes o diabo tece-as e póde muito bem voltar-se o feitiço contra o feiticeiro.

Manuel de Pina replicou com a maior confiança:

— Respondo pelo resultado.

— Isso é facil de dizer-se, voltou ainda o *Frade*, pois nada arrisca, e só os que se mettem na dança.

O *Mata-Judeus*, sempre com aquella má vontade que tinha ao companheiro, observou:

— Nós somos todos por um e um por todos. Tu a modo que desde que estiveste engaiolado perdeste a *ralé*.

Os dois trocaram olhares turvos e ameaçadores.

— Vamos, acudiu o filho do escrivão, teem confiança em mim?

Uma acclamação unanime respondeu a esta pergunta.

— Pois então eu proponho que se estude a maneira de roubar as pratas e alfaias ricas da egreja de Santa Engracia; sei o valor d'ellas, porque sou amigo do prior e possuo os moldes das chaves e a planta do edificio, que ha dois dias estudo com a maior attenção. Os valores de que nos podemos apoderar não são inferiores a cincoenta mil cruzados.

Ouviu-se de todos os lados um murmurio de assombro.

Aquelle bando de miseraveis, estimulados pela cubiça, tornavam-se mais perigosos do que feras esfaimadas.

Ai d'aquelle que n'esse momento de febre ousasse oppor-se aos seus designios, lhes contrariasse sequer no mais insignificante pormenor os seus planos.

Era irrevogavelmente um homem morto.

Manuel de Pina, triumphante, proseguiu:

— Respondo pelo resultado, como já disse, porque, ainda que a justiça venha a intrometter-se n'este negocio, saberei encaminhal-a e dirigil-a por modo conveniente ao interesse de todos nós.

Em seguida expoz o seu plano, que foi approvado por acclamação, e, como se quizesse vibrar o ultimo golpe no *Frade*, que assistia a tudo isto abatido e envergonhado, concluiu:

— Agora a sorte decidirá quem deve encarregar-se da empreza. É preciso que um só homem se introduza na egreja, de noite, e tenha o arrojo bastante para executar este plano. Seria duvidar da coragem de todos procedendo de outra maneira.

Vieram em seguida os dados.

Todos se agruparam palpitantes de interesse.

(Continúa) *Leite Bastos*

venenos como typos de tres grupos dos venenos das cellulas nervosas centraes. Os das cellulas periphericas tem por typos: a *Atropina*, alcaloide extrahido da *Atropa Belladona* Linn, — o qual ataca de preferencia as cellulas nervosas da vida organica — musculos lisos, coração, glandulas. — Um dos seus effeitos mais salientes é a dilatação das pupillas. E o *curara*, que ataca as cellulas nervosas da vida animal.

Como se vê a cellula nervosa é o orgão predilecto dos venenos. Todos a atacam mais ou menos.

Pasteur apresentou no dia 2 á Academia das Sciencias de Paris o relatorio, que prova a realidade da sua prophyllaxia contra o virus rabico, em pessoas mordidas. Durante os quatro mezes decorridos da sua celebre communicação, sem responder á critica malevola nem ao enthusiasmo approvativo, recolheu factos incontestaveis, do tratamento de 350 pessoas. O seu relatorio refere-se aos primeiros cem doentes, que tratou, e com respeito a esses vão já mais de dois mezes, espaço de tempo em que a raiva se manifesta nas pessoas mordidas, sem que tenham apparecido accidentes desagradaveis. Os outros cem tambem contam de 6 semanas a dois mezes e acham-se perfeitamente, e o resto, como os primeiros. Apenas dos 350 falleceu um, — não por effeito do virus preservador, mas em consequencia do virus absorvido pelas mordeduras. A Academia e alguns membros do governo, que se achavam presentes a essa sessão memoravel, victoriaram o grande sabio e applaudiram a idéa da creação de um instituto vaccinico, para a prophyllaxia da raiva, por subscripção nacional. Será esse o monumento levantado em honra de Pasteur, que pelo bem que tem feito á humanidade merece as honras divinas, que sem duvida a posteridade lhe prestará. Pasteur vae emprehender o estudo do tratamento de outras enfermidades, taes como a da angina diphterica. O que dirão os medicos anti-microbicistas? Como pygmeos da sciencia continuarão a apedrejar o vulto mais giganteo do seculo XIX.

Stanford, chimico inglez, extrahiu das algas uma nova substancia, a *Algina*. Tratam-se os *sargassos* e outras algas em ebulição pelo carbonato de soda, filtra-se a solução e precipita-se pelo acido sulfurico. A algina assemelha-se á albumina e contém todo o azote e substancias das plantas marinhas. É 14 vezes mais viscosa que o amido e 37 que a gomma arabica. Dá excellente papel. O azote que contém tornam-na recommendavel como alimento. Ha muito que as *algas* servem de alimentação, especialmente nos paizes do norte. O chamado *musgo branco* das pharmacias é o *Chondrus crispus* Agardh, alga que dá uma excellente geléa, muito nutritiva e agradavel.

João de Mendonça.

SERRA DO GEREZ — UM CURRAL DE LEONTE
(Segundo uma photographia do sr. Julio A. Henriques)

RESENHA NOTICIOSA

RENUNCIA. A archiduqueza Maria Thereza Salvador, filha do grão duque da Toscana, renunciou publicamente, em presença dos membros da familia imperial da Austria, de toda a corte, presidente do parlamento, conselheiros de estado e grandes do imperio, aos seus direitos á coroa imperial. O motivo da renuncia foi a archiduqueza ir casar com o archiduque Carlos Estevam, irmão da rainha Maria Christina regente de Hespanha. A ceremonia da renuncia teve lugar no dia 27 de fevereiro, e no dia seguinte o casamento.

AOS FUMANTES MENORES. A União de Temperança da America do Norte apresentou, por iniciativa de miss Tobey, uma proposta á camara legislativa de Massachusetts, para a prohibição aos menores de fumarem. A proposta é concebida nos seguintes termos: 1.º É prohibido vender cigarros ou tabaco em qualquer fórma, a menores de 18 annos. 2.º Nenhuma pessoa, com excepção do pae ou tutor do menor, poderá dar a este cigarros ou tabaco de qualquer fórma. 3.º A transgressão d'esta lei será punida com multa não superior a 50 dollars, e em caso de reincidencia com prisão não excedente a tres mezes. O dr. Bowditch reforçou esta proposta com a sua auctoridade medica, descrevendo todos os perigos para a saude, do uso do tabaco a individuos de menor edade. Este facto coincide com uma representação que alguns directores de collegios de Lisboa estão promovendo, afim de as auctoridades prohibirem o uso de tabaco aos menores.

CASAMENTO DA INFANTA D. EULALIA. Celebrou-se no dia 5 do corrente, em Madrid, no palacio real, o casamento da infanta D. Eulalia, filha da rainha Izabel e irmã do fallecido rei de Hespanha, D. Affonso XII, com o infante D. Antonio, filho do duque Montpensier e primo da noiva. Antes da ceremonia religiosa, que se effectuou na capella do palacio, teve logar a assignatura do acto dos esponsaes o que se realisou na camara real, com assistencia apenas dos membros da familia real, testemunhas, altos funccionarios do palacio e o presidente do conselho de ministros. O acto religioso celebrou-se com toda a pompa ante um numeroso anditorio. A côrte trajava rigoroso luto incluindo a noiva que apenas se adornava com um pequeno raminho de violetas no peito. Os noivos receberam varias prendas de grande valor, dos duques de Aumale, de Chartres e de Nemours, condes de Paris e suas filhas, principes Filippe de Wertemberg, de Joiuville e da baroneza de Rothschild. As jois que constituem o dote da infanta D. Eulalia foram avaliadas em 630:000$000 réis. O rendimento annual do infante D. Antonio é de 21:600$000 réis e da infanta é de 10:800$000 réis garantido pelos duques de Montpensier.

PRINCIPE REAL D. CARLOS. Regressou a Lisboa no dia 9 do corrente sua alteza o principe real D. Carlos, da sua viagem a França. A familia real foi esperal-o ao entroncamento. Sua Alteza demorara-se dois dias em Madrid e assistiu no Escorial a uma missa por alma do rei D. Affonso XII.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Noventa e Tres, por Victor Hugo, traducção de Maximiano Lemos Junior, empreza Lemos & C.ª editora, Porto. Fasciculo 10 d'esta edição de um dos mais notaveis romances de Victor Hugo — se entre as obras do poeta podem haver preferencias — e que está sendo dada á estampa com todo o primor.

O Elegante, *jornal de modas para homens dedicado particularmente aos alfayates*. David Corazzi editor, Lisboa. N.º 33 correspondente ao mez de março corrente. A acceitação que esta publicação tem tido justifica-se plenamente pela sua utilidade, tanto para os alfayates como para a sociedade de bom tom que deseja andar em dia com as novidades de *toilette* masculino.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 5.ª série n.os 7 e 8. Em o n.º 7 publica o sr. A. F. Nogueira dois desenvolvidos artigos: *A ilha de S. Thomé sob o ponto de vista da sua exploração agricola* e *Acerca do lu'n Kunbi*, o primeiro artigo é acompanhado de duas cartas topographicas da ilha de S. Thomé. Em o n.º 8 encontram-se os seguintes artigos: *Distribuição bathymetrica e geographica dos molluscos de Leça da Palmeira*, por Augusto Nobre; *Expedição ao Muata Yanvo*, por Henrique de Carvalho; *De Villa Gouveia no Gorougoza ao rio Pungué*, por F. J. Gorjão Moura; *Expedição de Manica*, por M. Lima; *Terras de Makanga*, relatorio pelo padre José Victor Courtois, etc.

Victor Hugo. É este o titulo do livro que a empreza do *Diario de Noticias*, na conformidade dos mais annos, offereceu como brinde aos seus assignantes. O livro consta de uma biographia do poeta com um retrato, excerptos de varias obras de Victor Hugo e uma carta autographa do mesmo auctor dirigida ao sr. Brito Aranha, em 1864. É um verdadeiro mimo que a empreza do *Diario de Noticias* offerece aos seus numerosos assignantes.

Revista Pedagogica, publicação mensal, directores Gonçalo Sampaio, Torquato Fernandes e A. Ferreira de Almeida, 1.º anno, n.º 1, março de 1886, Typographia Elzeviriana, Porto. O assumpto d'esta revista recommenda-se por sua natureza n'uma epoca em que a educação e ensino são as questões que mais preoccupam a humanidade. É por isso que a *Revista Pedagogica* vem prestar um bom serviço, reforçando a propaganda que hoje se faz por todo o mundo civilisado, em favor do ensino bem orientado e pratico, apto a produzir os seus beneficos effeitos.

Chronica franco-brasileira, publicação quinzenal, redactor em chefe Lopes Trovão, Paris. N.º 9, de 15 de fevereiro de 1886.

Africa Occidental, *album photographico e descriptivo*, por J. A. da Cunha Moraes, etc. David Corazzi, editor, Lisboa. Continua regularmente a publicação d'este magnifico album, de que temos recebido até ao n.º 15, ultimo publicado. Este numero insere duas bonitas phototypias representando margens do Zaire.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.